

ESPAÇO E FORMA NOS DOCUMENTOS E ARQUIVOS DE HILAL SAMI HILAL

José Cirillo¹

Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre as relações forma e espaço evidenciadas nos documentos e arquivos do processo de criação da obra “Seu Sami” (2007), de Hilal Sami Hilal, pertencente à categoria das obras elaboradas e destinadas para um lugar determinado, as chamadas instalações para um local específico. Pretende-se evidenciar como se configura a indissociabilidade entre esses dois elementos, forma e espaço, no projeto poético da obra, destacando como o estudo de fontes documentais pode contribuir para análise e escritura da crítica e da história da arte no Brasil. Parte-se do princípio de que essas fontes primárias, os documentos e arquivos do processo de criação, revelam índices de como a mente criadora do artista vai materializando suas escolhas enquanto se aproximava da obra a ser revelada; assim, seu estudo revela as experiências do artista e as relações internas e as pequenas ordens, micro-hierarquias e fraturas que vão se estabelecendo e determinando a seleção e o descarte de imagens e procedimentos que vão imprimir, no projeto da obra, a materialidade e a topografia do espaço. Para esta reflexão, parte-se desse estudo de caso: a obra Seu Sami, do artista plástico Hilal Sami Hilal, integrante da exposição homônima realizada em 2007, no Museu Vale (ES). Apesar de ser uma instalação para um local específico (site specific), elaborada para esse Museu, a obra foi apresentada em outros locais, como o SESC Pompéia, em São Paulo, o MAM, do Rio, e o Palácio das Artes, em Belo Horizonte, todos espaços diferentes daquele para o qual e com o qual a obra foi concebida. Assim, a partir da análise de aspectos dessas quatro montagens, busca-se evidenciar como tendências e intencionalidades do projeto poético da obra são afetadas na medida em que essa deixa de ser um site specific e torna-se uma instalação geral. Analisam-se, pois, as alterações formais e no efeito de sentido

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica. CNPQ/FAPES/PPGA/Universidade Federal do Espírito Santo.

dessa obra, principalmente na sua intenção para o vazio e para X Congresso Internacional da APCG ausência. Embora a obra permaneça “relevante”, após seu deslocamento do espaço inicialmente gerador de sua forma material.

Palavras-chave: Processo de criação. História da arte. Memória. Arquivos documentais.

1 *Seu Sami*: o vazio e a incerteza na ausência

Esta reflexão parte da obra *Seu Sami*, do artista plástico Hilal Sami Hilal, integrante da exposição homônima realizada em 2007, no Museu Vale (ES). Assim, a partir da análise da gênese da obra, busca-se evidenciar como tendências e intencionalidades do projeto poético são evidenciadas na medida em que nos avançamos pelas escolhas, dúvidas e incertezas que acompanharam o processo de criação dessa obra, que estão registrados em oito cadernos e vários arquivos avulsos do artista. Nesses documentos e arquivos, analisa-se como o espaço do museu é determinante na constituição da forma da obra em tela, bem como para o efeito de sentido da obra, principalmente na sua tendência para o vazio e para a ausência.

Seu Sami é uma mostra com cerca de 1100m². A exposição se divide em quatro obras: “Seu Sami” (*Site-specific*), “Biblioteca”, “Sherazade” e “Bastidor”. O *site-specific* “Seu Sami” ocupou o galpão principal do museu em toda sua extensão e pé-direito; “Bastidor” é composta de grandes grades paralelas em metal e papel artesanal que formam um bloco vazado e ocupou o espaço de acesso ao galpão central; “Biblioteca” é um conjunto de livros de cobre brocado feitos a partir de finas folhas que foi montado juntamente com “Sherazade” – um livro-instalação, que faz alusão ao conto oriental de *As Mil e Uma Noites*, que tem suas páginas fixadas solidariamente em capa dura, sendo essas folhas interligadas para formarem uma grande malha.

Hilal, filho de “seu” Sami, é descendente de família Síria, nasceu e trabalha na cidade de Vitória (ES). Iniciou sua pesquisa com o papel em 1977, tendo sido influenciado pelas obras de Antônio Dias; estudou no Japão práticas milenares do papel artesanal e trouxe esse aprendizado para a construção de sua obra (é possível perceber a memória dessa experiência em peças como “Bastidor”). O artista tem como matéria uma pasta de trapos de algodão que lhe permite desenhar

direto no chão. Após secos, esses desenhos se transformam em rendilhados, mantos vazados e escrituras peculiares, bordados, arabescos e *rocailles*, elementos textuais, alfabetos, letras que se materializam, ganham volumes e gamas de cores fortes que despertam para a sua qualidade física e plástica. Suas obras reafirmam o domínio sobre a matéria e a tecnologia, evidenciando um jogo matérico e cromático no qual o artista vai colocando camadas de papéis artesanais umas sobre as outras produzindo, assim, um universo de rugosidade, cavidade e superfícies, que geram espaços vazios e revelam uma formação cultural híbrida. Além de trapos de algodão, Hilal também usa outros materiais, como metal, a cola de silicone quente, os quais estão presentes na mostra *Seu Sami*, formando filetes ou filigramas.

Observamos que as obras do artista encontram-se impregnadas por suas memórias, que são expressas em quase-grafias orientais que incorporam ritmos ditados pela linguagem simbólica e física do próprio artista, imprimindo ritmos e marcas de seu corpo em movimento. Parece-nos possível afirmar que há uma tendência ao discurso memorialístico² na obra do artista. Assim, a mostra resgata a história artística e pessoal de Sami Hilal que observou que em sua trajetória existiam fatores que já falavam da ausência do pai, o tema da exposição. *Seu Sami* é, portanto, autobiográfica. Com a obra, Hilal reopera a morte do pai, cuja morte imprimiu-lhe a noção de vazio (conceito constituinte do projeto poético dessa obra).



Figura 1 – vista da instalação *Seu Sami*. Detalhe da imagem refletida nos espelhos, 2007

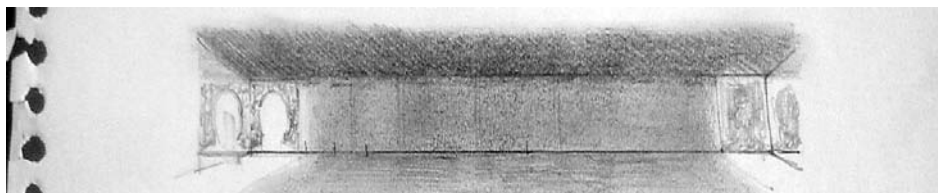
² Ver CIRILLO, José. *Imagem-lembrança: memória como matéria plástica na obra de Shirley Paes Leme*. Anais XXVII Colóquio do CBHA, Rio de Janeiro, 2008. Sobre o conceito de tendência e intencionalidade no processo de criação ver SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado*. São Paulo: Annablume, 1998.



Figura 2 – vista da instalação *Seu Sami*. Detalhe das outras obras, 2007.

Como um todo, a exposição revela memórias e paralelos entre presença e ausência, entre luz e sombra, vazios e materialidade, caracterizando-se nos rendilhados nascidos no papel elaborado pelo corpo do artista em movimento, como nos trabalhos em metal, dos quais retira o peso transformando-os numa espécie de brocado, uma grafia da exclusão, da ausência (outro conceito fundamental para o sentido da obra). Segundo Hilal, “*Seu Sami*”, é um registro simbólico da ausência do pai. “*Nesta obra, nomeio o meu vazio*”, diz o artista. “*Seu Sami é o pai que não tive e que a arte realizou em mim*”³, completa. Peso e leveza. Aparência e fato. Verticalidade e horizontalidade. Ser e parecer. Presença e ausência. Conceitos constituintes. Fronteiriços. Dualidades taoístas propostas. Miwon Know (1997) destaca, ao falar de *site-specific art*, que a dualidade em si parece ser uma característica inerente a essa modalidade de arte.

O site-specific “*Seu Sami*” se divide em duas áreas chamadas, pelo artista, de “salas”: *Sala do Amor* e *Sala da Dor*, separadas por uma zona de escuridão, um aparente vazio existencial - indicialmente presente nos documentos de processo já nos estudos iniciais. Partes opostas das duas paredes laterais do galão principal foram revestidas por malhas de metal e papel artesanal (520cm x 950cm, com 10kg cada), são estruturas penduradas formadas por gestos caligráficos materializados em pasta de papel sobre malha de metal; essas estruturas descem do teto e tocam suavemente o chão – quase flutuam.



³ Entrevista quando da montagem no Museu Vale, ES, em 2007.

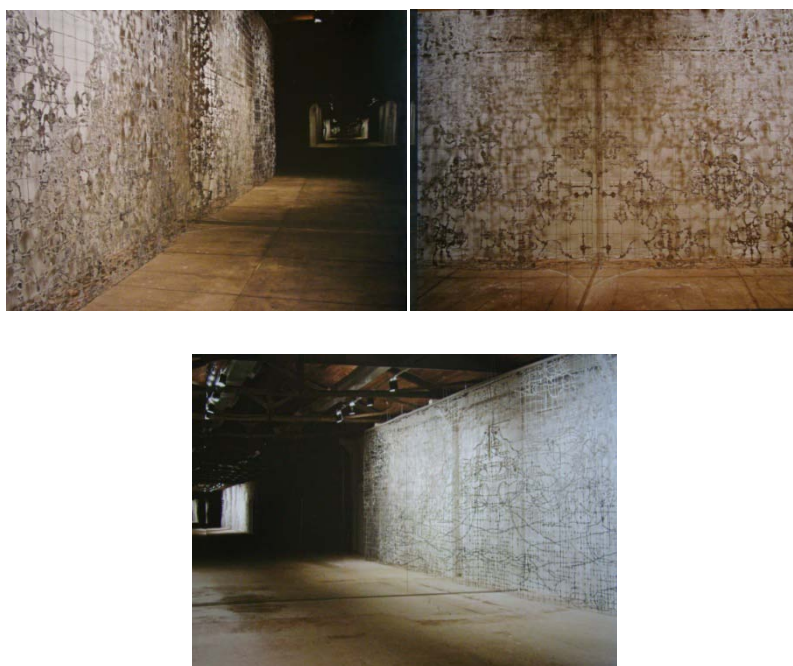


Figura 3 – detalhes do projeto (caderno de anotações) e da obra *Seu Sami*, 2007.

As duas paredes do fundo foram revestidas de espelhos, dois planos reflexivos opostos. Como suaves brisas, as malhas de papel tocam a face dos espelhos nas respectivas paredes ao fundo, com isso, duplicam-se criando uma relação entre espaço material e espaço virtual. Confronto e encontro dos extremos: duas paredes de espelhos reproduzem e replicam, criam uma ilusória profundidade, infinita e dual. Alternância de amores e dores. Auto-reflexo de aparente materialidade; presença de imagem na ausência de matéria. Percepção e ilusão fundidas. O sentido da visão comprometendo a percepção da imagem, criando ilusões e fantasias, evocando a memória. Espaços quadrangulares construídos e repetidos. Esses “quadrados” são, entretanto, elementos constituintes da estrutura arquitetônica do espaço do galpão. Formas edificantes no projeto da mostra, como podem ser vistas nos desenhos do artista.

2 Um projeto em diálogo com o espaço: em direção ao *site-specific art*

Há um diálogo evidente com a arquitetura. Sami Hilal tem, entre os arquivos de processo, plantas arquitetônicas do galpão. Evidencia-se a forma do espaço em cortes transversais e longitudinais; algumas dessas serão trabalhadas pelo artista enquanto experimenta formalmente a obra. Percebe-se que todos os estudos partem de uma ideia inicial, uma tendência eidética: a obra será longitudinal, assim

como a planta do prédio. Outro elemento arquitetônico formalmente expressivo nesses estudos é a repetição de formas quadrangulares. Esses quadrângulos se verificam no desenho do chão de cimento grosso e se repetem no espaço como um todo e na obra, a citar a parede e o espelho; assim como, internamente, na estrutura da trama de papel das grandes lâminas que descem para o chão.

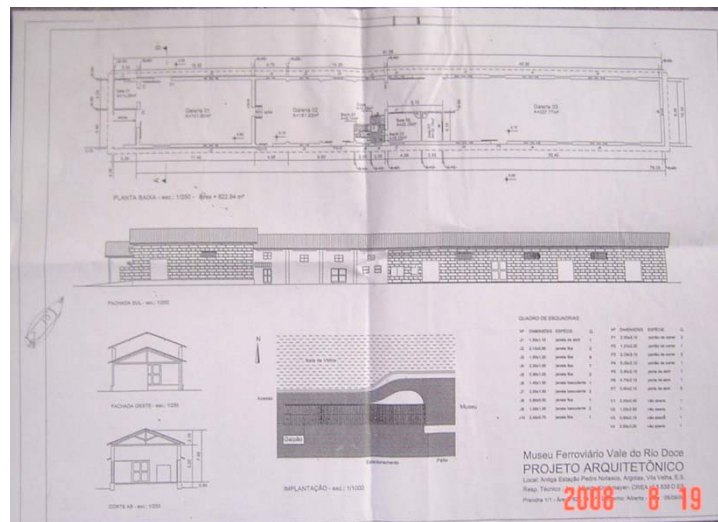


Figura 4 – documento avulso; planta arquitetônica do Museu Vale.

Essa malha quadrangular acompanha a maioria dos esboços de Hilal, o que evidencia que ele ficou contaminado por elas e que elas estruturam o trabalho, são como matrizes formais do objeto em construção.

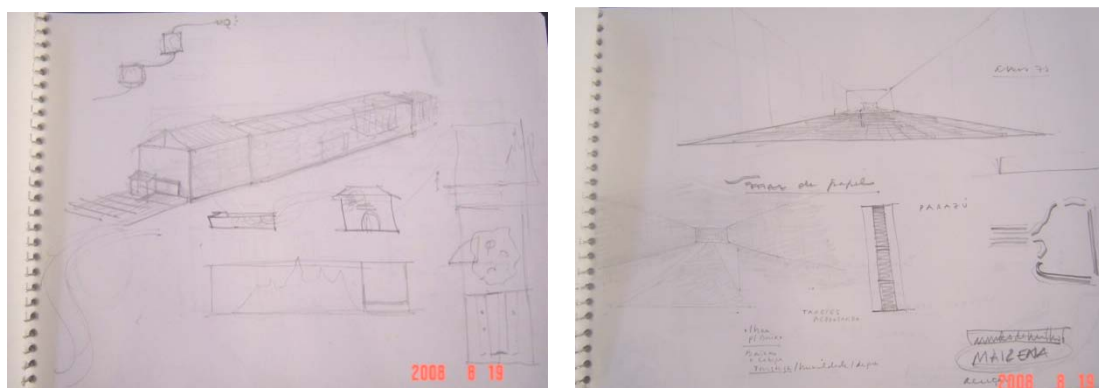


Figura 4 – páginas do caderno de anotações para a obra *Seu Sami*.
Diálogos com a arquitetura.

Ao observar o conjunto de seus documentos e arquivos, verifica-se que Sami Hilal busca dialogar com toda a estrutura do prédio. A partir de plantas arquitetônicas, o artista identifica e define o formato geral da obra principal da mostra: *Seu Sami* será materializada a partir de um grande túnel que percorre toda a segunda metade do Galpão do Museu. Sami Hilal vai configurando em seus esboços uma instalação para um local específico (*site-specific art*), uma modalidade das artes visuais contemporâneas na qual forma e espaço são indissociáveis: eles são a matéria da obra.

Utilizado com mais frequência a partir da década de 1980 para designar propostas que não mais se enquadravam na categoria escultura, o termo instalação foi apropriado por muitos artistas que produziam obras tridimensionais a partir de relações com o espaço em que estavam as obras. Instalação não se trata, apenas de ocupar uma determinada área, ela se apropria da arquitetura do local que será transformado. Como diz Frederico Moraes⁴: “é um conceito que se desenvolve no espaço”.

O termo *site-specific* tem sua origem na relação de interdependência escultura e espaço onde a obra se insere, sendo o espaço parte constituinte da mesma. As propostas a *site-specific* situavam-se em um contexto de materialidade da paisagem natural ou do espaço impuro e ordinário do cotidiano⁵. Obra e lugar, nas instalações, implicam-se e limitam-se mutuamente, gerando uma tensão que propicia o surgimento de uma relação dialética entre a função do museu e a função da arte, ambas se misturam: o lugar provoca um deslocamento nas ordenações existentes. Para Kwon⁶, o termo instalação como manifestação estética na arte contemporânea tinha, inicialmente, o foco nas relações com a arquitetura ou paisagem, combinando elementos constitutivos do espaço – como condições de iluminação, topografia particular – com os da obra em análise.

Retomando a obra *Seu Sami*, o espaço arquitetônico do Museu Vale é agente ativo no seu processo de criação, aqui em estudo. Os documentos de processo permitem verificar como a experimentação topográfica e a experimentação eidética⁷

⁴ FABRIS, A. (et alli) *Tridimensionalidade – Arte Brasileira do século XX*. São Paulo: Itaú Cultural, 1989.

⁵ Ver Miwon KNOW, Op. cit., p.24

⁶ Idem. *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specific*. Trad. Jorge Menna Barreto. s/cidade: s/Ed. s/d, pp. 167-187 (cópia Xerox)

⁷ Ver CIRILLO, José e GRANDO, Angela. *Arqueologias da criação: estudos sobre o processo de criação*. Belo Horizonte: c/Arte, 2009.

nos documentos de processo revelam a forma de interação do artista com o espaço. Assim, com o estudo de documentos e arquivos do seu processo de criação, verifica-se que Hilal deixou registradas pistas de suas escolhas em uma série de cadernos e folhas avulsas, experimentos e maquetes; podemos afirmar que Hilal dialogou com o espaço do Museu.

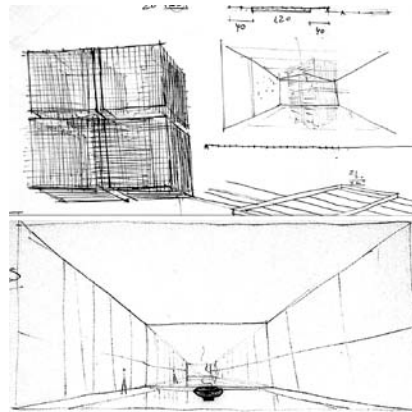


Figura 5 – detalhes da rede de quadrângulos nos desenhos e esboços preliminares para *Seu Sami* - 2007

Esse diálogo com o espaço foi determinando e respondendo os próximos passos da obra. Quando o artista se aproxima do seu projeto final, ele constrói fisicamente uma miniatura do espaço e instala o projeto da obra nessa maquete para visualizar o que é efetivamente a obra no espaço: a instalação vai ganhando corpo; fotografias no tamanho 10x15 que estão fixadas com alfinetes nas laterais, essas imagens “imitam” o desenho das Sala do Amor e Sala da Dor; há também o papel laminado, e posteriormente um pedaço de espelho, nas extremidades para duplicar a imagem; e em frente dele o desenho/recorte da figura humana, no meio da maquete visualizamos a área de penumbra.



Figura 6 – Maquete (*Seu Sami*): o espelho permite projetar a duplicação do espaço e da forma da obra - 2007

A maquete materializa algumas idéias desenvolvidas nos desenhos e esboços; nos quais pode-se, como dito antes, observar que as linhas estruturais do prédio, o piso quadriculado e a malha de madeiras do teto, são o tempo todo chamadas para mediar a definição das formas no espaço. O pé direito do galpão é a referência para a dimensão das lâminas das paredes laterais, lâminas que encostam no chão, tocam os espelhos, demarcam a área de luz na obra. Evidencia-se a singularidade da obra em construção.

Assim configurada a relação do artista com o espaço para elaborar a obra, pode-se afirmar que *Seu Sami* é um *site-specific* assimilativo e, como tal, interdepende do local onde e com o qual foi construída; verifica-se que a obra resignifica de modo harmonioso e coeso a relação espaço/obra. Fica deste modo, evidenciada uma indissociabilidade entre os elementos materiais, estruturais e simbólicos que constituem a obra de Hilal Sami Hilal – inicialmente visíveis no desenvolver de suas reflexões nos cadernos e anotações durante a fase de elaboração. *Seu Sami* se constrói para ser uma experiência sensória no aqui e no agora. O admirável pierceano invadirá os sentidos do sujeito em interação com a obra, percepção do sensível e do significativo, expressos na semiose da obra, do espaço e dos sujeitos que se colocaram a ela. Matéria e memória pessoal e cultural se encontrando. Intencionalidade do artista revelada: compartilhar a imensidão da falta e a plenitude do vazio e da ausência, fenomenologicamente construídos na interação formal e espacial entre a obra e o prédio que a contém e a constitui.

REFERÊNCIAS

CIRILLO, J.; GRANDO, A. (Org). *Arqueologias da Criação, estudos sobre o processo de criação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

CIRILLO, José. *Imagem-lembrança: memória como matéria plástica na obra de Shirley Paes Leme*. Anais XXVII Colóquio do CBHA, Rio de Janeiro, 2008.

FABRIS, A. (et alli) *Tridimensionalidade – Arte Brasileira do Século XX*. São Paulo: Itau Cultural, 1989.

KWON, M. *One place after another – site-specific art and locational identity*. London: Mit Press, 2004.

_____. *Um lugar após o outro: anotações sobre site-specific*. Tradução Jorge Menna Barreto. S/cidade: s/Ed. s/d, p. 167-187.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto Inacabado*. São Paulo: Annablume, 1998.